

Caminhar entre sulcos na terra, aprender com as visualidades camponesas

 Leandro de Souza Silva¹,  Paulo Pires de Queiroz²

¹ Universidade Federal Fluminense – UFF. Programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão – PGCTIn e Departamento de Artes Visuais do Colégio Pedro II. Instituto de Biologia, campus do Gragoatá, Bloco M – Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, São Domingos. Niterói – RJ. Brasil. ² Universidade Federal Fluminense – UFF. Programa de Mestrado e Doutorado Ensino em Biociências e Saúde – PGEBS/FIOCRUZ. Mestrado em Diversidade e Inclusão – CMPDI/UFF e Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão – PGCTIn/UFF.

Autor para correspondência/Author for correspondence: souzaleandro@id.uff.br

RESUMO. As visualidades camponesas emergem como um campo de disputas, constituindo práticas estéticas e educativas que desafiam narrativas hegemônicas vinculadas a territórios rurais. Tal qual sulcos na terra, carregam em si marcas de conhecimento popular, resistência e imaginação da vida. Nessa trilha, esse trabalho tem como objetivo compreender como as visualidades no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ) contribuem para processos estético-educativos na/da sua espacialidade. Para isso, propõe-se o diálogo teórico-conceitual entre os estudos da Cultura Visual, das Espacialidades e da Cultura e Educação Popular, somados a um exercício de leituras de visualidades coletadas em campo. A metodologia participativa possibilitou a coleta de dados e orientou a discussão que revela a espacialidade do assentamento como um território de resistência, criação e invenção estética. Os resultados da investigação mostram que as visualidades camponesas contribuem para a formação estético-educativa das pessoas envolvidas na vida do assentamento, ao mesmo tempo que desafiam e reconfiguram discursos dominantes sobre cultura e ensino no campo. Assim, a investigação reafirma as relações entre cultura visual e educação popular na construção de epistemologias contra hegemônicas que potencializam a autonomia e a resistência dos sujeitos no campo.

Palavras-chave: visualidades camponesas, espacialidades, cultura e educação popular.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------



Walking between grooves in the ground, learning from the peasant visualities

ABSTRACT. Peasant visualities emerge as a field of disputes, constituting aesthetic and educational practices that challenge hegemonic narratives about the rural environment. Like furrows in the ground, they bear the marks of popular knowledge, resistance and the imagination of life. Following this path, the objective of this study is to understand how visualities in the Zumbi dos Palmares settlement (RJ) contribute to aesthetic-educational processes within his spatiality. To achieve this, a theoretical-conceptual dialogue is proposed, integrating studies in Visual Culture, Spatialities, and Popular Culture and Education, combined with an exercise in reading visualities collected in the field. The participatory methodology enabled data collection and guided the discussion, revealing the settlement's spatiality as a territory of resistance, creation, and aesthetic invention. The results of the research show that peasant visualities contribute to the aesthetic-educational formation of the people involved in the life of the settlement, at the same time as they challenge and reconfigure dominant discourses on culture and education in rural areas. Thus, the research reaffirms the relationship between visual culture and popular education in the construction of counter-hegemonic epistemologies that enhance the autonomy and resistance of people in the countryside.

Keywords: peasant visualities, spatialities, popular culture and education.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Caminar entre los surcos de la tierra, aprender de las visualidades campesinas

RESUMEN. Las visualidades campesinas emergen como un campo de disputas, constituyendo prácticas estéticas y educativas que desafían las narrativas hegemónicas sobre el medio rural. Como surcos en la tierra, llevan las marcas del conocimiento popular, la resistencia y la imaginación de la vida. En este camino, el objetivo de este estudio es comprender cómo las visualidades en el asentamiento Zumbi dos Palmares (RJ) contribuyen a los procesos estético-educativos dentro su espacialidad. Para ello, se propone un diálogo teórico-conceptual que integra los estudios de Cultura Visual, Espacialidades y Cultura y Educación Popular, sumado a un ejercicio de lectura de visualidades recogidas en el campo. La metodología participativa permitió la recolección de datos y orientó la discusión, revelando la espacialidad del asentamiento como un territorio de resistencia, creación e invención estética. Los resultados de la investigación muestran que las visualidades campesinas contribuyen a la formación estético-educativa de las personas implicadas en la vida del asentamiento, al tiempo que desafían y reconfiguran los discursos dominantes sobre la cultura y la educación en las zonas rurales. De esta forma, la investigación reafirma la relación entre la cultura visual y la educación popular en la construcción de epistemologías contrahegemónicas que potencien la autonomía y la resistencia de la gente del campo.

Palabras clave: visualidades campesinas, espacialidades, cultura y educación popular.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Cheganças

Ando devagar, mas insisto em caminhar contrariando muitas vezes o curso das contingências, pois a vida segue... a vida segue para o infinito para antes e depois de mim, a vida segue (Bambu Amarelo, 2021).

Imagem 1 - Agricultor semeando, Núcleo 4, assentamento Zumbi dos Palmares (RJ)



Fonte: Diário de Visualidades, Leandro de Souza Silva, 2022

O conhecimento camponês se desvela visualmente como um campo dinâmico de criação, imaginação e resistência. Assim como os sulcos na terra desenham marcas do cultivo, as visuaisidades no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ) apontam para formas de aprendizado que dialogam com os desafios e a inventividade da vida no campo. A investigação aqui proposta percorre esse território estético e educativo, buscando compreender de que modo a estética criada pelos sujeitos assentados operam possibilidades de ensino e transformação social. Sem pressa e resistindo às contingências da vida, a imagem do agricultor entre rasgos na terra, semeando e cuidando de sua cultura, suscita reflexões acerca da visibilidade experienciada em territórios camponeses. Tanto a epígrafe textual quanto visual que abre este texto, fazem visualizar uma cena que ensina a insistir na feitura da própria vida.

Nesse sentido, diante dos fenômenos estéticos da vida no campo, abre-se uma perspectiva fértil de estudo. No que concerne às pesquisas dessa natureza, investigar a riqueza

de conhecimento de pessoas que vivem no/do campo pode contribuir para estudos sobre as visualidades que ocorrem em espaços não formais de ensino. Portanto, esse trabalho tem como objetivo compreender como as visualidades no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ) contribuem para processos estético-educativos na/da sua espacialidade. Desse modo, o estudo soma-se aos debates sobre visualidades, ensino e espacialidades em lugares que distam dos grandes centros urbanos.

Diante disso, os fenômenos estéticos da vida camponesa no norte fluminense suscitam a questão: *como visualidades no assentamento Zumbi dos Palmares contribuem para processos educativos na/da espacialidade do campo?* Para respondê-la, são postos em diálogo estudos dos campos da Cultura Visual, das Espacialidades e da Cultura e Educação Popular, junto a uma breve análise de imagens coletadas no referido assentamento.

A estrutura teórica do trabalho propõe o diálogo sobre visualidades em Mirzoeff (1999, 2002, 2006, 2016, 2018) e Mitchell (2002), em consonância com as categorias analíticas do espaço social em Santos (1994, 2002, 2008), interrelacionando-as com a perspectiva de ensino preconizada em Brandão e Fagundes (2016), em seus diálogos com Freire (2014, 2020). Nesta proposta de trabalho, ganham ênfase as questões estético-educativas das visualidades camponesas ocorridas no campo investigado.

Baseada em uma abordagem qualitativa, a investigação ocorreu a partir de uma metodologia participativa, fundamentada nos estudos de Brandão (1981, 1999), priorizando a construção de conhecimento compartilhado entre pesquisadores e participantes. A coleta de dados se deu por meio da observação participante, registros fotográficos e conversas cotidianas, que resultaram em um conjunto de imagens e relatos a respeito das visualidades camponesas e seu caráter educativo.

O campo de investigação se dá no assentamento Zumbi dos Palmares, no norte fluminense. O local está circunscrito no processo de luta pela terra e evidencia o árduo processo de re-territorialização no estado do Rio de Janeiro, junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT) e militantes, pesquisadores e pesquisadores e agentes técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Espaços como esse promovem debates sobre precariedade, exiguidade de bens/aparelhos educacionais e culturais, ausências e silenciamentos. Mas, para além desses aspectos, proporcionam leituras sobre uma estética que escapa das influências do processo de urbanização excludente dominado pelo avanço do capital.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Sendo assim, além da construção de enlaces entre os campos teórico-conceituais apresentados, a empiria vivenciada indica a constante transformação da espacialidade no/do campo. Os principais resultados apontam que as visualidades camponesas contribuem para a formação estético-educativa das pessoas que vivem e convivem no assentamento, além de tensionar as narrativas hegemônicas sobre cultura e ensino no campo. Isto é, as imagens encontradas dialogam com um pensamento diverso que se move entre o anúncio, a denúncia e a celebração da vida.

Metodologia

A empiria ocorreu no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ), caracterizado a seguir, e foi empreendida a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada numa metodologia participativa, conforme a proposta de Brandão (1981, 1999). As etapas da investigação consistiram em: (1) Observar processos de criação de visualidades no cotidiano da espacialidade do assentamento; (2) Identificar aspectos estético-educativos na criação de visualidades no/do assentamento junto às/aos participantes da investigação; e (3) Analisar com participantes da pesquisa compreensões sobre as visualidades vivenciadas no assentamento.

O trabalho envolveu a observação participante através de vivências cotidianas que possibilitaram a criação de um Diário de Visualidades com imagens fotográficas feitas em campo e conversas com pessoas assentadas ou que convivem com o local. As pessoas participantes da investigação são aqui identificadas com nomes relacionados à natureza e aceitaram voluntariamente participar do trabalho. Para tanto, foram respeitados os critérios éticos no que se refere às pesquisas feitas com seres humanos.

A imersão na espacialidade do assentamento contribuiu para caracterizar a investigação como uma construção social do conhecimento (Thiollent, 1984, 2002). Nesse sentido, Brandão (1999) destaca que esses processos são marcados pela coexistência de raízes distintas, teorias diversas e estratégias metodológicas que nem sempre seguem uma linearidade convencional. Enquanto pesquisa qualitativa, o caminho metodológico adotado valoriza concepções e proposições que transcendem abordagens quantitativas, pois se construiu em torno das subjetividades das participantes e não apenas sobre ou para elas. Assim, essa abordagem permitiu compreender as visualidades camponesas como processos de

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

criação, invenção e resistência no campo investigado. Além disso, tal caminho permitiu observar a relação entre cultura e práticas estético-educativa no território.

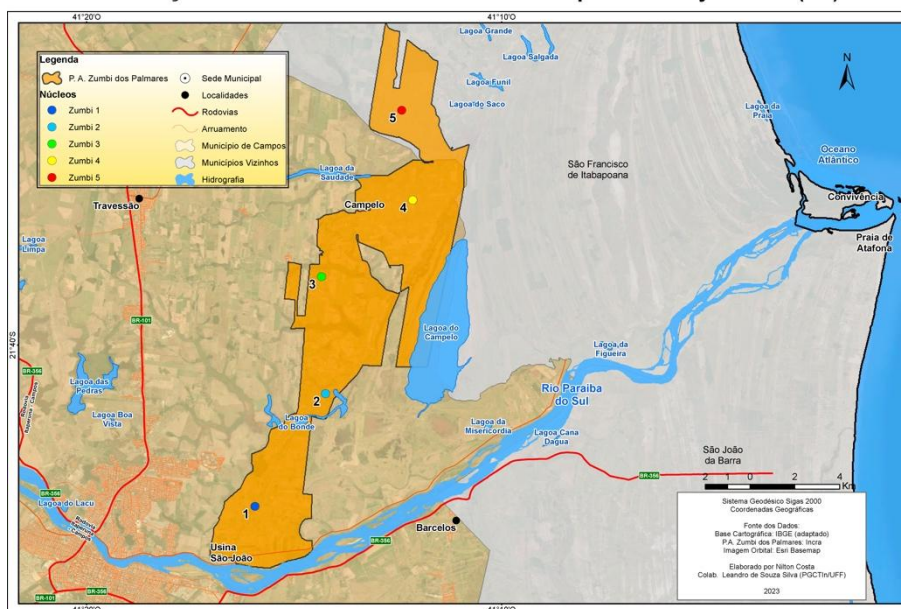
Campo da investigação

Durante a primeira visita, no inverno de 2019, ao assentamento Zumbi dos Palmares, localizado no norte do estado do Rio de Janeiro, emergiram inquietações que mais tarde se consolidariam como eixo central desta investigação. Nesse sentido, destaca-se a experiência no Sarau Cultural pela Reforma Agrária que despertou questionamentos sobre os processos de criação da visualidade naquele contexto.

Assim sendo, a inquietação que orienta este texto emerge de familiaridades e experiências estéticas vividas, especialmente pelas origens periféricas de um dos autores deste trabalho. Esse reconhecimento instigou a reflexão sobre como essa visualidade poderia incidir sobre processos educativos situados na e a partir da espacialidade desse território. Dessa maneira, torna-se fundamental compreender o contexto histórico e sociopolítico do maior assentamento rural do estado do Rio de Janeiro.

Imagem 2 - Mapa de localização do campo investigado

Localização do P.A. Zumbi dos Palmares - Campos dos Goytacazes (RJ)



Fonte: elaborado por Nilton Costa Junior, colaboração de Leandro de Souza Silva, 2022.

Como o mapa de localização demonstra, o Zumbi dos Palmares configura-se entre dois municípios do estado do Rio de Janeiro, a saber, Campos dos Goytacazes e São Francisco de Itabapoana. O território se estabelece no contexto político da reforma agrária na região norte fluminense do final dos anos 1990 e seu nome é em homenagem à luta quilombola e afrodescendente que ocorre até o presente (MST, 2007).

O assentamento Zumbi dos Palmares é estruturado em núcleos que vão do 1 ao 5, situados ao longo do Rio Paraíba do Sul. O primeiro núcleo está mais próximo do centro urbano de Campos dos Goytacazes, enquanto o último se estende até o município de São Francisco de Itabapoana. Esse território se destaca como uma das primeiras ocupações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado do Rio de Janeiro. Como aponta Alentejano (2011), desde a década de 1990 essa região tem sido um dos principais cenários da luta pela terra, especialmente em razão da crise do setor sucroalcooleiro, que levou ao maior número de ocupações e desapropriações no estado.

O autor contextualiza que, inicialmente, as ações do MST estavam concentradas na periferia da região canavieira, abrangendo municípios como Macaé e Conceição de Macabu. Apenas em 1997, o movimento expandiu sua atuação para o centro dessa região, marcando um ponto de inflexão com a ocupação das terras da Usina São João, localizada a poucos quilômetros do centro urbano de Campos dos Goytacazes.

A falência de diversas usinas de álcool e açúcar impactou profundamente a região, desestruturando seu tradicional modelo de exploração desses recursos. Os trabalhadores foram os mais afetados por essas mudanças, que redefiniram as dinâmicas sociais e impulsionaram a busca por formas alternativas de viver e produzir na/da terra, especialmente nesse território. Esse contexto reforça a importância do assentamento como um espaço de resistência e reexistência, onde os processos estético-educativos sustentam e reafirmam um modo de vida camponês.

Conforme anunciam as descobertas aqui apresentadas, sob a perspectiva do bem-viver, bem como os modos de ver, perceber e sentir das pessoas que vivem e convivem no assentamento, fazem visualizar desobediências visuais. Sua estética coloca em suspensão mecanismos de poder estabelecidos e determinados que atuam na manutenção das desigualdades sociais no Brasil.

Se a terra deixa de cumprir sua função social, como previsto na Constituição (Brasil, 1988), o direito ao seu uso e à vida nela deveriam ser imediatamente assegurado. No entanto,

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

esse acesso tem sido historicamente conquistado por meio de disputas e enfrentamentos protagonizados por diferentes setores da sociedade e movimentos populares, frequentemente resultando em perdas irreparáveis de vidas.

A criação do assentamento, a partir da divisão das terras consolidada em 1998, por meio da desapropriação e implementação do Projeto de Desenvolvimento de Assentamento (PDA). Tal processo, em sua complexidade, envolveu militantes do MST, agentes da CPT, pesquisadores e agentes técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Atualmente, segundo o órgão, 506 famílias habitam essas terras.

O assentamento rural, resultado da reforma agrária, manifesta-se como um território planejado e marcado pela ação de grupos sociais, educativos e culturais que disputam e ressignificam o espaço (Caldart, 2012). O assentamento reflete a luta de classes, evidenciando conhecimentos populares, relações de poder e a resistência como forma de aprendizado e direito.

Esse cenário levanta uma questão central para este estudo: embora os grandes centros urbanos concentrem a produção visual legitimada hegemonicamente, as manifestações estéticas desse território emergem como respostas críticas – ou, como propomos aqui, imagens-problema. Afinal, em contextos cuja exclusão social é tão acentuada, tais manifestações entram na disputa de narrativas que desafiam as indiferenças. Diante das contradições e convergências nas disputas pela terra, no contexto da reforma agrária brasileira, este trabalho problematiza o assentamento Zumbi dos Palmares enquanto um espaço educativo desobediente.

No entrelaçamento de suas visualidades, a constituição desse território, pleno de conhecimentos estético-políticos, inspiram perspectivas educativas que transbordam a concepção tradicional de pedagogia, desvinculando-a da escola como espaço único e hierarquizado de produção de conhecimento (Andrade, 2016). Nesse sentido, a ressignificação de um lugar dito invadido, agora legitimado como assentamento, revela a “rebeldia necessária para fazer a reforma agrária” (ecoando um dos lemas do MST) e se afirma como um espaço social e visual pleno de possibilidades.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Imagem 3 - Pôr-do-sol na Lagoa da Saudade, Núcleo 4, assentamento Zumbi dos Palmares (RJ)



Fonte: Diário de Visualidades, Leandro de Souza Silva, 2020

Nesse percurso, a paisagem do Zumbi, em seu potencial alegórico, sugere a afirmação de uma *práxis* visual singular. Um território que convida a olhar adiante, onde a ação de seus sujeitos evidencia uma existência digna, cuja espacialidade resiste à negação de direitos imposta por um mundo desigual. Sua visualidade revela, assim, a possibilidade de uma forma de vida possível.

Convergências entre Cultura Visual, Espacialidades, Cultura e Educação Popular

A escolha dos eixos teóricos que fundamentam este texto – Cultura Visual, Espacialidades e Cultura e Educação Popular – estabelece diálogos que sustentam a base conceitual da investigação. A articulação entre esses campos fornece subsídios para responder à questão de partida e analisar os processos de criação de visualidades no assentamento, explorando seus contornos educativos.

Com base no pensamento de Mirzoeff (1999) sobre Cultura Visual, as visualidades são compreendidas como táticas que operam no cotidiano. Suas criações funcionam como estratégias estéticas que exploram ambiguidades, interstícios e espaços de resistência, indo além da mera representação imagética. As relações entre visualidades, espacialidades, cultura

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

e educação popular destacam suas interseções interdisciplinares e a diversidade de sentidos atribuídos à criação estética. No contexto rural, especialmente em territórios marcados pela luta pela terra e direitos, a estética se manifesta em todo o seu processo e existência. Assim, a criação de um assentamento de reforma agrária não apenas tensiona questões políticas e de direitos humanos, mas também envolve arte, cultura e educação, ampliando a compreensão dos fenômenos estético-educativos no mundo camponês

Essa elaboração trata a criação de visualidades na espacialidade do assentamento como evidências educativas quando celebram e valorizam a diversidade cultural e inclusão social, por exemplo. Em meio às tantas dimensões do tecido social (Mitchell, 2002), elas consideram as transformações urgentes e sonhadas pelas pessoas, assumindo formas que poderiam apontar meios de resistências a um mundo tão desigual.

Ou seja, o que a estética de atividades populares ou a paisagem de cultivo podem desvelar sobre o assentamento e seus modos de ensinar? Quando o visual é debatido, as respostas dessa questão abrem um profícuo campo de investigação. Como já foi dito (Silva & Queiroz, 2025), formas visuais no meio rural podem colocar em suspensão a função da estética determinada hegemonicamente como legítima, institucionalizada e oficial. Elas participam da vida ordinária, evocam pensamentos, ideias, informações e imagens, como num campo de batalha (Mirzoeff, 1999). Na disputa narrativa contemporânea, marcada pela profusão de imagens, modos de ver mais inclusivos acolhem a imagem ordinária, não institucionalizada, presente na visualidade cotidiana. Sua função é dinâmica, transformando-se constantemente e tensionando estruturas fixas e estabelecidas.

A Cultura Visual, sob a perspectiva da construção visual do social (Mitchell, 2002), questiona não apenas o visível, mas também o que é invisibilizado, levando à reflexão sobre quem vê, como e sob quem autoriza tal ação. Esse entendimento tensiona a função dominante da visualidade no campo, desafiando padrões hegemônicos de beleza e expandindo o panorama expressivo do meio rural, ao romper com discursos que uniformizam sua imagem e processos visuais.

Em diálogo com a análise espacial proposta por Santos (2008), esse pensamento nos auxilia perceber a manifestação estética camponesa, enquanto ação transformadora do espaço mediante seus contornos educativos. A construção teórica do autor propõe leituras do espaço interrelacionando forma, função, estrutura e processos, de modo indissociável. O espaço banal, com suas rugosidades e vincos, representa a acumulação do tempo, valorizando a

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

historicidade, cultura e manifestações que o constituem (Ribeiro, 2012). A alegoria do sulco na terra reforça essa ideia, evidenciando os fluxos e dobras que dão sentido à vida e às ações no espaço.

A visualidade que resulta desse processo reflete conhecimentos socioculturais dinâmicos, compondo a representação cultural do espaço. As espacialidades emergem do protagonismo de quem habita o território, conferindo visibilidade às suas ideias e ao contexto político do meio técnico-científico-informacional (Santos, 1994), no qual os “homens lentos” (Ribeiro, 2012) resistem às fabulações do imaginário dominante.

Essa visualidade surge como manifestação que desafia a hegemonia estética dos grandes centros urbanos, resistindo tanto aos espaços opacos quanto aos luminosos (Ribeiro, 2012). No assentamento, essas formas visuais não são apenas representações, mas também formas educativas que carregam consigo valores, conhecimentos e modos de ver a vida camponesa. Elas evidenciam os enlaces entre cultura, política e educação, tornando-se elementos fundamentais para a construção de uma epistemologia popular enraizada na experiência camponesa.

Para Santos (2007, 2008), o espaço é continuamente transformado pelas práticas sociais, sendo um reflexo das relações humanas e suas dinâmicas culturais. Nesse sentido, considerar apenas a aparência visual sem observar os processos que o constituem levaria a uma análise superficial. A cultura, ao se manifestar esteticamente, considera a relação entre os sujeitos e o território, sendo, ao mesmo tempo, herança e reinvenção. Assim, as visualidades camponesas reafirmam não só traços identitários coletivos, mas também o direito à existência digna e justa.

Nessa trilha, os pressupostos teóricos da Cultura e Educação Popular contribuem para compreender o protagonismo popular na construção da vida e do conhecimento. Esse entendimento propõe um deslocamento na maneira de enxergar a visualidade, a espacialidade e o ensino, sobretudo em espaços que não seguem a lógica escolar tradicional. Para Brandão (1981), a cultura popular foi definida pelo anonimato, em contraste com a cultura erudita, que exige a identificação da autoria. Essa concepção reforça a ideia de que o povo, historicamente marginalizado na produção de conhecimento e cultura, constrói formas próprias de expressão que desafiam as estruturas impostas.

À luz dessa perspectiva, a educação assume um papel essencial na formação crítica dos sujeitos e na transformação político-social (Brandão & Fagundes, 2016). Nos espaços de

ensino não formal, como o assentamento, essa abordagem valoriza as experiências e lutas cotidianas, reconhecendo-as como base de um pensamento que se manifesta também esteticamente. Assim, ao participar de transformações de realidades por meio da criação estética, a visualidade camponesa se constitui como uma *práxis* ativa em meio aos processos educativos e disputas por autonomia e reconhecimento.

Essa reflexão afirma a educação e a cultura popular como abordagens descolonizadoras do pensamento, centrados numa concepção inclusiva, participante e cooperativa. Sua pertença orientada por uma epistemologia popular, feita e protagonizada pelo povo, age nas espacialidades e nelas, as visualidades assumem sentidos de formação e crítica. A estética vivenciada no campo, enquanto experiência educativa, resulta da criatividade, da emancipação e liberdade inventiva humana. Ao articular conhecimentos populares, evidencia-se a transformação da realidade pelas mãos daqueles que constroem suas próprias visualidades.

Leituras possíveis das visualidades camponesas

Como parte do exercício analítico são apresentadas nesta seção duas análises que articulam os eixos teóricos da investigação. A primeira, aborda a mística enquanto dimensão estético-educativa da imaginação camponesa e a segunda, o trabalho na/com a terra enquanto ação poética e visual. Tais análises são construídas a partir de um recorte empírico, considerando leituras realizadas em conjunto com os sujeitos da investigação. O ponto de partida para a leitura das visualidades ocorridas no assentamento destaca a vivência no Sarau Cultural pela Reforma Agrária, ocorrido em 2019. Essa atividade representou o primeiro contato com o campo investigado e foi determinante para despertar as inquietações que atravessam esta investigação.

A mística do Sarau (Imagem 4) se destaca como uma experiência visual compreendida como uma imagem-problema. À medida que incorria em sua análise, novas perguntas e reflexões surgiam, ampliando as possibilidades de interpretação.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Imagem 4 - Mística do Sarau Cultural pela reforma agrária de 2019, Núcleo 4, assentamento Zumbi dos Palmares (RJ)



Fonte: Baobá, agente da CPT, Campos dos Goytacazes, 2019

Os movimentos populares reconhecem a mística como uma expressão da cultura, da arte e dos valores que integram a experiência coletiva popular (Bogo, 2012). Ela se manifesta em cada celebração, tornando visíveis discursos que enaltecem a estética da natureza, bem como os saberes e conhecimentos populares. Ao provocar múltiplas interpretações, a mística desafia as formas tradicionais de aprendizado e revela valores fundamentais não apenas para a vida no campo, mas para a existência humana como um todo. Nela, coexistem denúncia e anúncio, a valorização da natureza, a cultura e seu contorno educativo, compondo uma visualidade que convida a fazer leituras que ultrapassam o mero ato de ver.

Elaborada de forma coletiva, a mística é construída a muitas mãos, reunindo elementos naturais, artísticos e poéticos que assumem funções estéticas, educativas, políticas, simbólicas e culturais nos momentos em que é utilizada. Seu conjunto visual convida a um desdobramento analítico que permite apreender seus sentidos antes mesmo de um determinado encontro. Apesar de conter certa objetividade em sua materialidade, suas leituras se expandem a cada novo olhar, configurando-se como uma das experiências mais

desafiadoras e poéticas da visualidade vivenciada no campo. A imagem partilhada pelo assentado Sabiá confirma isso:

Imagem 5 - Mística, Núcleo 1, assentamento Zumbi dos Palmares (RJ)



Fonte: Sabiá, assentado, 2023

Na intersecção entre estética, política e ensino, a mística se afirma como um dispositivo visual que não apenas faz visualizar anúncios e denúncias, mas constrói sentidos coletivos sobre a experiência camponesa e popular. Se, por um lado, seu fazer visual desestabiliza formas hegemônicas de aprender, por outro, ela enraíza modos de conhecimento ancorados na terra e em saberes compartilhados.

As imagens 4 e 5 revelam essa relação ao evidenciar o caráter performativo da mística, que não se encerra na composição dos objetos, mas se prolonga no gesto, na coletividade e na circularidade do encontro. Durante a mística, a visualidade camponesa se estabelece como um campo expandido de criação e resistência. Sua estética não é um mero ornamento, mas uma forma de disputa de narrativas e afirmação de modos de vida que se recusam a ser apagados.

Um outro exemplo da visualidade vivenciada no campo é a imagem do trabalho na/com a terra. Os equipamentos responsáveis pelo preparo do solo para receber as sementes, conduzem o olhar para o trabalho no campo em seu conjunto de técnicas que o constituem. Em uma das vivências em campo, foi observado que a relação com esses aparelhos não se

limita à técnica, mas funciona como uma extensão do pensamento, como fora discutido por Santos (2008).

Imagem 6 - Agricultor e sulcadora, Núcleo 4, assentamento Zumbi dos Palmares (RJ). *Still*.



Fonte: Bambu Amarelo, assentado, 2023

Em consonância com a Imagem 1 que abre este texto, a relação entre corpo, território e trabalho evidencia a espacialidade vivida e transformada tanto pelo agricultor fotografado utilizando a enxada quanto pelos instrumentos mecânicos que ele também utiliza. Sua ação faz visualizar a Imagem 6, cuja profundidade de campo e enquadramento direcionam o olhar para o solo, destacando a materialidade da terra como espaço de saberes e práticas.

Sob a perspectiva da Cultura Visual que fundamenta este escrito, a cena não apenas documenta o trabalho agrícola, mas sugere um processo estético-educativo no qual o gesto na lavoura expressa um conhecimento ancestral que parte da experiência e da interação com o ambiente. O ato de lavrar a terra torna-se uma inscrição visual da resistência e da autonomia camponesa, desafiando leituras romantizadas ou excludentes sobre essa realidade.

Espacialidade e visualidade camponesa se manifestam em constante transformação, evidenciando o vínculo entre práticas agrícolas, estética e conhecimentos comunitários. Como discute Santos (2008), o espaço não é apenas um suporte inerte para a ação humana, mas um campo dinâmico de relações, onde a cultura e a experiência cotidiana reconfiguram sua materialidade. Por este motivo, as imagens analisadas não apenas registram um modo de vida,

mas revelam os encontros entre o trabalho, a terra e as visualidades, tornando-se expressões visíveis de uma epistemologia camponesa enraizada na luta e na criação coletiva.

Imagem 7 - Agricultor entre os sulcos na terra, Núcleo 4, assentamento Zumbi dos Palmares (RJ)



Fonte: Diário de Visualidades, Leandro de Souza Silva, 2023

A inspiração do título deste trabalho parte exatamente dessa imagem da terra sulcada, cuja brotação do cultivo se dá em meio aos rasgos no solo. Nesse caso, a visualidade em questão abarca a força não apenas física, mas a inteligência de quem trabalha e vive da agricultura. O assentado Madeira Pau Peroba (2023) explica que o plantio exige preparo da terra, por isso, os equipamentos fotografados tornam sua prática de cultivo ainda mais dinâmica, ágil e funcional. Ele fala em revirar, tombar, aplanar e desenhar os sulcos na terra, afirmando uma prática que explicita um modo de fazer que se opõe à objetificação do sujeito camponês. Sua fala ensina a valorizar seus saberes, suas subjetividades e o seu próprio modo de fazer a vida.

Ver essas formas, em suas funções específicas nessa estrutura, criam processos estéticos, educativos e culturais. Isso pode ser visualizado também na imagem partilhada pela assentada Comigo Ninguém Pode:

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Imagem 8 - Agricultora dirigindo trator, assentamento Zumbi dos Palmares (RJ)



Fonte: Comigo Ninguém Pode, assentada, 2023

Inserida em um cenário que mistura elementos da vida rural, a agricultora se afirma como parte da visualidade camponesa. Além da ação da mulher, a imagem apresenta o solo marcado pelo uso agrícola, a vegetação ao fundo e as estruturas que compõem a paisagem do assentamento. Essa composição visual dialoga com a materialidade do trabalho no campo e a presença de tecnologias apropriadas às práticas agrícolas locais. A visualidade camponesa aqui se manifesta na relação entre a trabalhadora, a máquina e o espaço, evidenciando a relação indissociável entre conhecimento popular e equipamentos de trabalho.

A cena sugere um campo de disputas estéticas e simbólicas: o trator, máquina historicamente ligada à modernização da agricultura e ao agronegócio, quando presente em um assentamento de reforma agrária, adquire sentidos outros. Ele se reinscreve numa narrativa visual de resistência e autonomia, ressignificado pelo uso comunitário. A imagem indica o contraste entre a funcionalidade objetiva do trator e a subjetividade da experiência camponesa que o utiliza não para a lógica produtivista e predatória, mas como instrumento de cuidado com a terra e sustento coletivo.

Desse modo, a espacialidade do assentamento e as visualidades que emergem desse contexto, reafirmam a luta camponesa como *práxis* estético-educativa, tornando-se um testemunho visual de permanência e reexistência no campo. Isto é, olhar para esses processos é considerar os resultados da luta pelo acesso à uma vida mais digna. Essa imagem, tão comum aos cotidianos do assentamento, ao mesmo tempo que é sementeira que produz alimento, é também colheita, fruto das disputas históricas pela reforma agrária no Brasil.

Assim, o campo se configura como um espaço em constante transformação, onde a prática agrícola não é apenas uma atividade econômica, mas também um meio de formação sociopolítica. O conhecimento camponês, invisibilizado por narrativas urbanocêntricas, resiste na visualidade de tais práticas, reafirmando que o ensino ocorre em territórios rurais e na experiência cotidiana dos sujeitos do campo. As imagens não apenas representam um trabalhador ou seus equipamentos, mas evocam uma pedagogia visual camponesa, onde o espaço, o gesto e o conhecimento entrelaçam luta, autonomia e pertencimento.

Portanto, se a espacialidade pode ser afirmada como sistema de objetos e ações, como Santos (1994, 2001, 2002) nos ensina, a visualidade expõe o posicionamento estético-educativo da *práxis* visual camponesa. Isso reafirma a função social da terra, agindo na manutenção do conhecimento popular e na visualização de uma existência digna e valorizada. Desse modo, o fazer estético, educativo e político da vida pela terra, da sementeira até a colheita, resultaria em rebeldias visuais (Silva & Queiroz, 2025).

Essas visualidades desafiam a lógica de poder imposta pelos grandes empreendimentos do agronegócio, subvertendo o domínio de seus maquinários e narrativas midiáticas. Ao mesmo tempo, questionam a dicotomia campo/cidade, evidenciando que a vida em territórios rurais não apenas persiste, mas se reinventa continuamente em sua própria dinâmica e resistência frente às adversidades.

As dimensões estético-educativas do imaginar e do cuidar, evidenciadas ao longo deste estudo, sugerem a visualidade camponesa como forma de resistência e invenção popular. O imaginar, como exercício de fabulação e reinvenção, provoca narrativas visuais que rompem com imposições hegemônicas, abrindo caminhos para a autonomia estética e educativa no campo. Já o cuidar, presente nas relações com a terra, com os corpos e com a memória coletiva, manifesta-se na preservação do modo de vida camponês, na singeleza das práticas comunitárias e no compromisso com a continuidade das lutas sociais.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Em síntese, ao enlaçar as dimensões das visualidades do assentamento, revelam-se como experiências formadoras, capazes de transformar a percepção sobre o mundo camponês, ressignificando-as para além dos discursos dominantes e promovendo formas de aprender, ensinar e existir.

Considerações

Nos territórios marcados pela luta pela terra, as visualidades assumem um papel educativo ao revelar modos de ensino que se constituem a partir de experiências estéticas. A criação e a reinvenção dessas visualidades nos cotidianos reforçam o conhecimento popular, consolidando-o como parte essencial das dinâmicas sociais no campo. Dessa forma, a análise desenvolvida neste trabalho ressalta a força inerente à estética na vida no campo, permitindo reconhecer o assentamento Zumbi dos Palmares (RJ) como um espaço vivo. Sua dinamicidade contribui para a compreensão de processos criativos que emergem dos territórios camponeses.

O estudo utilizou uma metodologia participativa, coletando dados através da observação, conversas e análise de imagens criadas pelas pessoas do assentamento. Por meio desses procedimentos foi possível responder à questão de partida e alcançar o objetivo do estudo que buscou compreender como as visualidades no referido assentamento contribuem para processos estético-educativos sua na/da espacialidade.

A investigação revelou que a espacialidade do assentamento não se restringe a um cenário fixo, mas se constitui como um território vivo e dinâmico, onde as visualidades camponesas emergem como prática estético-educativa. Os encontros entre forma visual, experiência laboral e pertencimento evidenciam que as criações visuais no/do campo não são apenas registros ou representações da realidade, mas parte ativa da construção do imaginário camponês que tensiona discursos hegemônicos sobre cultura e ensino.

Diante disso, as dimensões estético-educativas do cuidar e do imaginar se tornam essenciais para a leitura dessas práticas: o cuidar manifesta-se na relação sensível com a terra, nos gestos cotidianos de cultivo e na preservação dos saberes tradicionais. O imaginar se expressa na potência criativa das visualidades que, ao serem produzidas e compartilhadas, constituem a autoria camponesa e sua capacidade de reinventar o mundo à sua maneira.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Assim, essas dimensões não apenas desafiam formas normativas de ensino, mas também desvelam a força estética e política dos processos de criação visual em espaços de resistência.

Dessa forma, essa proposição se fundamentou no pensamento camponês que inspira um projeto de sociedade que se opõe às desigualdades e injustiças. Não apenas em relação à luta pela terra e direitos, mas também para um modo de vida mais feliz e pleno. A abordagem qualitativa da investigação investe na valorização da sabedoria e do conhecimento popular, pautada pela participação, colaboração e pelo protagonismo camponês.

Em consequência disso, a breve discussão e análise propostas constituem descobertas em campo que convocam olhares em direção às tantas estéticas possíveis na vida, sobretudo em territórios camponeses. Neles, as visualidades disputam a criação estética, reafirmando a força imanente, criativa, educativa e expressiva do povo, assim como a riqueza de conhecimento presente nos processos educativos das pessoas que vivem no/do campo. A espacialidade vivenciada nesse território anuncia novos horizontes e miradas, inspirando um projeto de sociedade menos desigual, mais justa e atenta ao que ensinam as visualidades camponesas.

Agradecimentos

Agradecemos às pessoas assentadas no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ), à CPT – Campos dos Goytacazes (RJ), ao Programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologia e Inclusão – PGCTIn da Universidade Federal Fluminense – UFF e à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Portugal). Este trabalho de investigação foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

Andrade, P. D. d. (2016). *Pedagogias culturais: uma cartografia das (re) invenções do conceito* <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143723>

Bogo, A. (2012). Mística. In R. S. C. e. al. (Ed.), *Dicionário da educação do campo*. Expressão Popular.

Brandão, C. R. (1981). *Pesquisa participante*. Brasiliense.

Brandão, C. R. (1999). Pesquisar-participar. In C. R. B. (Org.) (Ed.), *Repensando a pesquisa participante*. Brasiliense.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Brandão, C. R., & Fagundes, M. C. V. (2016). Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. *Educar em Revista*, 89-106. <https://www.scielo.br/j/er/a/KmYHVqgFMPBfJTjXsRjFFvc>

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf

Caldart, R. S. (2012). Dicionário da Educação do Campo. In *Dicionário da educação do campo*.

Freire, P. (2014). *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (2020). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Paz e Terra.

Mirzoeff, N. (1999). *An introduction to visual culture*. Routledge.

Mirzoeff, N. (2002). *The Visual Culture Reader*. Routledge. <https://books.google.com.br/books?id=lcRvU3w33jsC>

Mirzoeff, N. (2006). On Visuality. *Journal of visual culture*, 5(1), 53-79. <https://doi.org/10.1177/1470412906062285>

Mirzoeff, N. (2016). O direito a olhar. *ETD Educação Temática Digital*(18), 745-768. <https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646472>

Mirzoeff, N. (2018). *A 'teoria' não são só palavras numa página, mas também coisas que se fazem*. BUALA. Retrieved 10 dez. 2023 from <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-teoria-nao-sao-so-palavras-numa-pagina-mas-tambem-coisas-que-se-fazem-entrevista-com-n>

Mitchell, W. J. T. (2002). Mostrar o ver: uma crítica à cultura visual. *Interin*, 1(1), 1-20.

MST. (2007). *Assentamento Zumbi dos Palmares completa 10 anos*. Retrieved Setembro de 2022 from <https://mst.org.br/2007/04/10/assentamento-zumbi-dos-palmares-completa-10-anos/>

Ribeiro, A. C. T. (2012). Homens lentos, opacidades e rugosidades. *Redobra, Salvador*(9), 58-71.

Santos, M. (1994). *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. EDUSP.

Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (6 ed.). Record.

Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (Vol. 1). Edusp.

Santos, M. (2007). *O espaço do cidadão* (Vol. 8). Edusp.

Santos, M. (2008). *Espaço e método* (1ª ed.). EDUSP.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 9	e17976	UFNT	2024	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	------	------	-----------------

Silva, L. d. S., & Queiroz, P. P. d. (2025). Visualidades camponesas no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ): encontros entre cultura visual, espacialidades e ensino. *REVISTA NERA*, 28(1), 1-20. <https://doi.org/10.47946/rnera.v28i1.10118>

Thiollent, M. (1984). Anotações críticas sobre difusão de tecnologia e ideologia da modernização. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, 1(1), 43-51.

Thiollent, M. (2002). Construção do conhecimento e metodologia da extensão. *Revista Cronos*, 3(2).

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 15/11/2023
Aprovado em: 11/11/2024
Publicado em: 23/02/2025

Received on November 15th, 2023
Accepted on November 11th, 2024
Published on February, 25th, 2025

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Silva, L. S., & Queiroz, P. P. (2024). Caminhar entre sulcos na terra, aprender com as visualidades camponesas. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 9, e17976.

ABNT

SILVA, L. S.; QUEIROZ, P. P. Caminhar entre sulcos na terra, aprender com as visualidades camponesas. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 9, e17976, 2024.

